

OS “FARRAPOS DO PASSADO” E OUTROS ELEMENTOS NA COMPOSIÇÃO DO DESENHO DA AVENIDA SENHOR DOS PASSOS

Sidiney de Araujo Oliveira¹

RESUMO

O texto pretende abordar como a Avenida Senhor dos Passos em Feira de Santana, Bahia, foi descrita, desenhada, nos jornais da cidade entes as décadas de 1960 a 1980 e nos relatos orais de moradores e ex-moradores. Diante das inevitáveis transformações, grupos de intelectuais e descendentes daquela elite mais abastada lamentam essa transformação e buscam construir uma memória visual para aquela que fora, em suas experiências urbanas, uma “avenida feliz” na perspectiva de perpetuar a vera imagem da cidade, que desperta para o presente as múltiplas cidades que a de hoje encerra. É preciso informar que o desenvolvimento da narrativa se realiza a partir de dois eixos principais: o desenho e a memória. Ambos definem, localizam, revelam tempo, espaço, histórias e uma multiplicidade de experiências perceptivas.

Palavras-chave: Desenho; Memória urbana; Avenida Senhor dos Passos.

INTRODUÇÃO

O desenho constitui-se como fonte histórica e se afirma como área do conhecimento na transição deste final de século XX e início do XXI porque também permite ao pesquisador valer-se de suas qualidades documentais na escrita da história. Essa possibilidade foi aberta pela renovação da historiografia no decorrer do século XX. Muitos são os pesquisadores que se debruçam na busca de uma epistemologia do desenho. A interdisciplinaridade oportunizada/mediada pelo desenho promove diálogos entre os mais variados campos do conhecimento, entre eles: a matemática, a biologia, a filosofia, a geografia, a história, dentre muitos outros que poderiam aqui ser descritos.

Nesse sentido, Nigel Cross (2004)¹ explica que o desenho é carregado de valores e seus atributos influenciam e são influenciados pela sociedade. O ato de desenhar não se limita aos traçados, grafias, rabiscos e debuxos tradicionalmente conhecidos, vai além, o desenhar se insere no mundo do imaginário, do intento, da memória. Desse ponto de vista, pretende-se aqui uma narrativa interdisciplinar entre a história e o desenho. Portanto, o desenho aparece enquanto linguagem e, nesse sentido, comunica, esclarece, esconde, enfim compartilha informações, sentimentos, provoca sensações e perceptivas diversas porque é polissêmico.

¹ Mestre em Desenho, Cultura e Interatividade pela Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: leonfsa@gmail.com

O método de procedimento da pesquisa encontra-se ancorada principalmente, em jornais de Feira de Santana a partir da década de 1960 a 1980 e em entrevistas com moradores/as e ex-moradores/as da Avenida Senhor dos Passos, como também em um intenso trabalho de campo caminhando e registrando aspectos da paisagem urbana. É preciso informar ao leitor, que o desenvolvimento da narrativa se realiza a partir de dois eixos principais: o desenho e a memória.

Em suma, ainda devo informar que a Avenida Senhor dos Passos em Feira de Santana, Bahia, constitui-se como um dos principais logradouros comerciais. Ao longo do tempo a Avenida Senhor dos Passos foi assumindo diversas feições a fim de atender aos paradigmas impostos pela ideia de modernidade que a cidade vislumbra, busca-se atender ideia de cidade civilizada. Os desenhos que lhe foram propostos, especialmente após a retirada da feira livre do centro da cidade, no final da década de 1970, indicaram os elementos norteadores das ações, tanto na esfera pública quanto nos setores privados, necessárias às exigências dos novos tempos.

Há, pois, de se considerar neste estudo a paisagem urbana de Feira de Santana, seus desenhos e redesenhos e as diversas imagens que ela suscita na construção de suas memórias. Vale ressaltar que aqui ela pode estar resumida ao meu olhar de caminhante-observador, pois sou cômico de que meus esforços em descrevê-la como um desenho serão ínfimos diante de toda sua complexidade, porque, conforme diz Michel Foucault (1988, p. 08)ⁱⁱ “as palavras conservam sua derivação do desenho e seu estado de coisas desenhadas: de modo que devo lê-las superpostas a si próprias; são palavras desenhando palavras”.

BORRÕES NO DESENHO DA AVENIDA SENHOR DOS PASSOS

As imagens da cidade são compostas por diferentes agentes sociais que convivem simultaneamente no mesmo espaço citadino, as mesmas também são descritas por diferentes observadores de acordo com as experiências de cada sujeito na cidade. O olhar de cada um se volta para aquilo que lhe é mais representativo, imediatamente visível, perceptível pelas suas sensações, pois a cidade é o *locus* por excelência das experiências individuais e coletivas onde a praça, o jardim, as ruas e avenidas se fazem plenos nas lembranças e tornaram-se memórias. Os lugares da cidade extrapolam a sua condição material de existência e são codificados num sistema de representação por aqueles que experimentaram a cidade fisicamente tangível, ganham importância

decisiva nas emoções e sensações de cada sujeito, possibilitando a existência de outras cidades análogas e invisíveis.

Assim, a leitura das diferentes experiências, entre aqueles que passam e aqueles que vivem ou viveram na Avenida Senhor dos Passos, impõe aos olhos um modo de observar coisas e pessoas, a vida cotidiana ganha a proporção de um constante espetáculo por meio das personagens que ali transitam, e isso me leva a crer que a atividade do olhar se torna uma ação de espectador dos acontecimentos que ali sucedem e são narrados posteriormente de várias maneiras, seja oral ou escrita, assim como também possibilita interpretações diversas. Na segunda metade do século XX, o cenário que se descortina através dos jornais locais revela as mais diversas mazelas. Aquela considerada a “mais formosa e extensa de nossas ruas”, era então um dos palcos principais da prostituição, mendicância, graves acidentes de trânsito, reduto de desocupados, o que representa uma nova imagem visual para aquela via pública.

Durante o dia, as cenas são protagonizadas por mendigos em frente à Igreja do Senhor dos Passos, de mão estendida, ou com uma vasilha, a pedir esmolas apelando pela compaixão dos transeuntes (às vezes, mães trazem suas crianças para compelir o público); malabaristas demonstram sua arte no cruzamento com a Avenida Getúlio Vargas, enquanto o sinal do trânsito está vermelho. Jovens contratados a salários aviltantes fazem propagandas em banners posicionados na faixa de pedestre para visibilidade dos motoristas, e outros que fazem a distribuição de panfletos aos transeuntes na parte mais movimentada da Avenida Senhor dos Passos e suas adjacências; vendedores do comércio informal de CDs e DVDs pirateados ou mercadorias importadas vendidas a baixo custo; vendedores de frutos típicos da região, dentre outros, umbu, acerola, seriguela, de amendoim e também de feijão verde e milho assado ou cozido. Frutos de regiões mais distantes a exemplo do morango, o caqui, também são comercializados, além de produtos da culinária baiana, o acarajé, o abará, a cocada, o cuscuz de tapioca, a pamonha, etc.

Durante a noite, movimentam-se nesse cenário os desabrigados que fazem das marquises das lojas seu quarto e sua cama, e algumas pessoas que vendem o sexo; por vigilantes que cuidam das lojas e por policiais que fazem a ronda noturna e eventualmente passam por ali.

As transformações que acometem a cidade e, conseqüentemente, aquela avenida, são colocadas pelas mudanças socioeconômicas, dizem respeito a um conjunto de tendências externas e internas que incidem na percepção visual do ambiente urbano de

cada indivíduo. Partindo de pesquisas sobre a década de 1960 a 1980, percebi uma nova dinâmica no centro urbano de Feira de Santana evidenciada nos jornais de circulação local, como o Jornal Situação, o Folha do Norte, o Jornal da Feira. Esses periódicos apontam um aspecto pouco citado nas entrevistas que fiz com moradores e ex-moradores daquele importante logradouro que é o fato do centro urbano ter sido o alvo de campanha política para implementar normas civilizadoras. A respeito desse período em Feira de Santana, Ana Maria Oliveira (2008, p. 104)ⁱⁱⁱ observou que:

Na Feira de Santana da segunda metade do século XX, a reordenação dos espaços não implicou a abertura de avenidas, bulevares ou a política de “por abaixo e construir de novo”, peculiar ao estilo haussmaniano. O reordenamento, desta feita, implicou higienizar, sanear os espaços, redefinir funções e disciplinar os comportamentos dos cidadãos. Buscou-se modificar hábitos julgados impróprios ou não condizentes com os discursos da civilização como corolário do progresso e como expressão da identidade de cidade comercial que se almejava consolidar.

Destarte, o desenho que visualizei, provocado tanto pelas palavras quanto pelas fotografias apresentadas naqueles jornais, esboça uma avenida carregada de contrastes. Apontam para o fato dos problemas advindos com surto populacional, pois, segundo o IBGE, em 1940, a população urbana era de 19.660, em 1950, passou para 34.277, em 1960, para 69.884, chegando a 131.720 em 1970^{iv}. Com isso a cidade se agiganta e impõe um novo ritmo aos cidadãos. Pude perceber, então, como se construíram rapidamente outras imagens na Avenida Senhor dos Passos, as reportagens adiante esboçam uma avenida distinta daquela que visualizei através dos relatos orais e na produção literária que tem a mesma como temática principal. As experiências ali vivenciadas na multiplicidade dos olhares se entrecruzaram e delinearam o cenário dinâmico, em constante movimento.

PIVETES DESAFIAM SOLUÇÃO

Famintos, fumando até maconha, sujos, rasgados, pés descalços, tal é o estado que se apresentam os menores abandonados, chamados de pivetes e que fazem da Avenida Senhor dos Passos trecho compreendido entre a Mesa de Rendas e a Prefeitura Municipal, o seu “quartel general”. São crianças que, vítimas da inoperância dos poderes públicos, e dos pais tornam-se dia a dia um perigo para a sociedade, pois desde já conseguem demonstrar que sem um certo amparo e educação, tornar-se-ão mais tarde a escória autêntica dos homens de bem.

ROUBO X MALANDRAGEM

Muitos dos pivetes que vagueiam pela Avenida Senhor dos Passos, são comprovadamente na maioria desonestos e portadores de vícios condenáveis.^v

O lamentável retrato dos jovens, apresentado pelo articulista, sugere haver desordem naquela avenida, falta de vigilância e, conseqüentemente, aponta-a como um lugar perigoso. Em 03 de dezembro de 1966, o mesmo jornal volta a anunciar que, na Avenida Senhor dos Passos, há uma segregação de jovens “desocupados”:

AV. SR. DOS PASSOS Q. G.

O Q. G. [Quartel General] dos pivetes é sem dúvidas a Av. Sr. dos passos, no trecho onde se alojam as diversas empresas de transportes coletivos. Ali os citados garotos, têm ponto certo para exploração das condições para a sua sobrevivência, carregando malas ou surrupiando algum incauto. As autoridades policiais têm conhecimento do que acontece, sendo no entanto, impotente para solucionar tão grande problema que cresce a cada dia.^{vi}

O Jornal Situação não deixou passar despercebido o constrangimento que os menores abandonados causaram à sociedade feirense através da sua marcante presença na Avenida Senhor dos Passos e fez questão de evidenciá-lo em várias edições. No dia 17 de dezembro do mesmo ano, novamente reporta-se ao fato:

MENORES ABANDONADOS SÉRIO PROBLEMA

Continua sem solução o problema dos menores abandonados que infestam as ruas de nossa cidade a praticar toda sorte de estrepolias. Ainda esta semana presenciamos, em plena Avenida Senhor dos Passos, a mais movimentada e uma das mais belas da Princesa, os pobres abandonados menores a dar vasão à sua revolta inconsciente, colocando na calçada grande quantidade de vidros com o fito de causar danos materiais nos veículos e às pessoas que por ali transitam. (...)^{vii}

Na imagem em seguida, observamos notícias do Jornal Feira Hoje, de 06 de outubro de 1882^{viii}, que certamente incomodavam os moradores da Senhor dos Passos:



No período, a atividade comercial da cidade tornava-se mais intensa, as coisas tendiam a ser cada vez mais comercializáveis, compráveis, e as baixas condições socioeconômicas de muitas mulheres faziam-nas vender o sexo, especialmente na parte da noite, sendo a Avenida Senhor dos Passos um ponto certo para a prática da prostituição, além do que havia bordéis em várias de suas transversais. Oydema Ferreira (2010, p. 39)^{ix} confirma que “próximo à Avenida Senhor dos Passos existiam ‘casas de tolerância’, o famoso ‘brega’ e barzinhos que atraíam jovens e boêmios; era comum de madrugada ouvir o dedilhar nos violões e assobios de seresteiros solfejando belas canções românticas”. O Jornal da Feira, de 17 de abril de 1966, na coluna Cidade em Negativo, relata a imagem da prostituição que acontecia naquela via pública:

MULHERES DE VIDA FÁCIL

Numa das artérias principais e mais importantes da Feira de Santana, a Avenida Senhor dos Passos, encontra-se o conhecidíssimo Bar Tupy, localizado em frente à Igreja Senhor dos Passos.

Acontece que o barzinho, que muito bem podemos chamá-lo de “Bas-fond”, mal a noite cai, é ocupado pelas meninas que erram o caminho e para exagerar um pouquinho, direi que, só falta ficarem despidas, pois a liberdade ali é sem limites e, por estranha ironia, fica o dito bar na mesma rua e bem próximo à delegacia.

Nos meados da semana, é fácil assistirmos um “strep-tease” parcial quando elas ali chegam. Só não entendemos porque a Rádio Patrulha, que vive num constante desfile pelas ruas da cidade, não enxergou ainda. Pois é seu delegado, tá na hora da turma do jipão fazer uma visita ao Bar Tupy!^x

Nota-se que, apesar do número crescente de casas comerciais que ali se instalaram, ainda havia ocupações habitacionais. Outro aspecto da Avenida apontado pelos jornais era a mendicância. Manifesta se fazia a intolerância, os vilipêndios e o inconformismo dos que viam o lugar invadido por miseráveis em busca da sobrevivência por isso apelando para a compaixão dos passantes. Tal fato justificaria as idas aos jornais para chamar a atenção sobre a presença daqueles indivíduos maculando assim a imagem do local.

Moradores da Av. Sr. dos Passos, voltam a reclamar contra um grande número de mendigos que logo ao cair da noite tomam conta das residências para dormir (notadamente as que possuem varandas). Muitos trazem famílias e instalam “o rancho” em qualquer parte. Com a palavra a Assistente Social.^{xi}

Observamos ainda:

MENDIGOS MORREM EM PLENO CENTRO DA CIDADE

(...)

Em dia da última semana, em plena Avenida Senhor dos Passos, morreu por total falta de condições para se internar em uma casa de saúde, o indivíduo Carlos de tal, que depois de perambular vários dias pela cidade, foi encontrado morto na referida Avenida, no trecho compreendido entre a estrada do asfalto Feira a Salvador e a Mesa de Rendas.^{xii}

Além dessas questões, observei o incômodo que causava às “moças de família” a aglutinação de rapazes que todas as noites sentavam-se na Porta do Paço Municipal para conversas informais que diziam respeito a futebol, namoros, vida alheia, política, festas, etc. Defronte ao Paço Municipal, havia a lanchonete *Le Goûter* (O Lanche) e, à noite, os rapazes que habitualmente saíam de suas casas para alguma diversão fizeram dali um ponto de encontro da juventude. Os que não queriam ou não podiam ficar dentro daquele espaço escolheram a porta do Paço Municipal para as referidas aglutinações e eram identificados pelo estilo de *playboys*. No início da noite, as “moças de família” hesitavam em passar naquela parte da Avenida para não sofrer nenhum tipo de assédio dos rapazes. A entrevistada Eurigênia Rosalha Pereira Gomes, que mora no início da Avenida Senhor dos Passos desde quando nasceu, em 1946, nas proximidades do bar “Ferro de Engomar”, disse-me que quando necessitava sair à noite, evitava passar por ali por causa da aglomeração dos rapazes. O Jornal Situação, do dia 24 de Agosto de 1956, na coluna Povo, dizia que:

PELAS RUAS DA PRINCESA

A “Esquina da Prefeitura”, é o maior problema com que conta atualmente as nossas autoridades policiais. Malandros, desocupados e pseudos play-boys estão isolando aquela artéria, pois, um bom número de moças já se escusa de por ali transitar. É assunto sério para o qual se devem convergir as necessárias providências.^{xiii}

O entrevistado Armando Luiz Sampaio Silva, ex-morador da Avenida Senhor dos Passos, viveu neste lugar entre 1953 a 1965, explicou que:

Existia uma turma... A Senhor dos Passos tinha umas características bem típicas... tinha uma turma chamada turma da porta da prefeitura. Nós rapazes, alguns estudavam a noite, outros estudavam

de dia, mas à noite saíam, iam na casa da namorada e tal, nós batíamos ponto, todas as noites na porta da prefeitura. Então tinha a turma da porta da prefeitura e a turma do Le Goûter. A turma do Le Goûter já era um pessoal três quatro anos mais velhos do que todos nós e nessa fase que você tem quinze anos, cinco anos faz uma diferença enorme. Nós de quatorze, quinze anos eram os rapazes e esse pessoal de vinte e vinte e cinco anos eram os homens, então de certa forma não misturavam, mas era o grande ponto de fofocas, de discutir futebol, de discutir o que tinha acontecido durante o dia, enfim, programar diversões para os outros dias, conversar quem tava namorando com quem, contar vantagem, era a porta da prefeitura.^{xiv}

A dinâmica do tempo vivido permite ao sujeito uma atribuição de valor simbólico às determinações do presente e ao modo como as mesmas se compõem onde as imagens do passado não significam reviver, mas contemplá-lo por meio das referências que possui no movimento instável das propostas de urbanização. Portanto, implicam sobre a cidade os valores da nova ordem urbanística, os quais não refletem apenas a ordem social, mas, a razão da instituição urbana que possibilita as mudanças representativas com relação ao encerramento de um ciclo que se julga necessário para readequar o espaço urbano às reivindicações da sua nova realidade econômica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Avenida Senhor dos Passos não passa despercebida nas obras que têm como temática a memória visual da cidade, e constitui-se como um lugar de memória, capaz de provocar lembranças construídas socialmente que transcendem o indivíduo. Nesse sentido, as memórias individuais corroboram para a reinvenção do que fora a Avenida Senhor dos Passos na perspectiva de atingir formas que já desapareceram.

A partir destas perspectivas nos empenhamos na pesquisa da história dessa via pública para compreender sua importância para a memória visual da cidade. Assim procuramos observar como os jornais apresentavam a Avenida Senhor dos Passos e que acontecimentos foram protagonizados ali de relevância para a história da cidade, bem como entrevista aos moradores e ex-moradores para entender qual a memória visual os mesmos guardaram do passado vivido naquela rua e se a manutenção da arquitetura dos imóveis tem influência nos seus sentimentos.

Hoje, 2012, século XXI, a referida avenida ainda se apresenta como vitrine, mas adquire outra conotação, é a vitrine das grandes e reconhecidas lojas de departamento (lojas Marisa, C&A, Riachuelo e muitas outras) do Brasil. É a vitrine e a passarela do

mercado. Observamos que de logradouro residencial a Senhor dos Passos transformou-se em centro de compra e venda de produtos diversos. Essa rápida mudança não foi acompanhada pelo saudosismo memorialista identificado nas falas dos ex-moradores da avenida. A possibilidade de preservação dos antigos casarios fica sob a responsabilidade do poder público municipal, já que os seus antigos moradores não possuem o poder econômico que permita o investimento em preservar seus (ex)imóveis. O que era uma apropriação individual ou familiar, passa a ser, ou se tem a pretensão que seja coletivo, social, de todos os feirenses. Nessa perspectiva, podemos refletir sobre: o que preservar? Como? E para quem? E mais, que cenário urbano pretende-se construir a partir dessas escolhas?

ⁱ CROSS, Nigel. *Desenhante: Pensador do Desenho*. Editora sCHDs, Santa Maria, RS: 2004.

ⁱⁱ FOLCAULT, Michel. *Isto não é um cachimbo*. 2ª Ed., São Paulo, Editora Paz e Terra, 1988.

ⁱⁱⁱ OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos. *Feira de Santana em tempos de modernidade: olhares, imagens e práticas do cotidiano (1950 – 1960)*. 2008, 211 f. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

^{iv} Dados obtidos no Anuário Estatístico de Feira de Santana 2008, p. 123.

^v JORNAL SITUAÇÃO, 11 de set. de 1966, p. 06.

^{vi} JORNAL SITUAÇÃO, 03 de dez. de 1966, p. 04.

^{vii} JORNAL SITUAÇÃO, 17 de dez. de 1966, p. 03.

^{viii} O trecho em destaque diz: UMA CENA MUITO TRISTE E QUE CHAMOU A ATENÇÃO DE ALGUNS CURIOSOS EM PLENA AVENIDA SENHOR DOS PASSOS, ONTEM, POR VOLTA DE MEIO-DIA: UM GAROTO DE 12 ANOS DE IDADE, QUE DIZIA SE CHAMAR EDMILSON GONÇALVES DE SOUZA, DESMAIOU DE FOME NO PASSEIO DE UMA LOJA. O MENOR, COM UM BRAÇO E UMA PERNA PARALISADOS, SEGUNDO VÁRIAS TESTEMUNHAS, SÓ NÃO MORREU DE INANIÇÃO PORQUE, DEPOIS DE TER CAÍDO NO PASSEIO O DONO DE UM RESTAURANTE SITUADO NA MESMA AVENIDA DOOU-LHE UM COPO DE LEITE E SERVIU-LHE DOIS PRATOS DE COMIDA QUE FORAM DEVORADOS COM MUITA GANÂNCIA. EDMILSON NÃO SOUBE INFORMAR QUEM SÃO OS SEUS PAIS E NEM ONDE RESIDE – PROVAVELMENTE INTEGRA O ROL DOS MENORES ABANDONADOS DA CIDADE. CHOCADOS COM O ESTADO DO GAROTO, POPULARES QUE ASSISTIAM A CENA, FORNECERAM ROUPAS E ALGUM DINHEIRO PARA EDMILSON, QUE ENTRETANTO, NÃO SE PREOCUPAVA COM OUTRA COISA A NÃO SER A COMIDA, TAL ERA O SEU ESTADO DE CARÊNCIA ALIMENTAR. EM TEMPO: A PRÓXIMA TERÇA-FEIRA, 12, É DEDICADA AO DIA DA CRIANÇA.

^{ix} FERREIRA, Oydema. *Retalhos de minha cidade*. Feira de Santana, Bahia: Fundação Senhor dos Passos; núcleo de preservação de Memória Feirense, 2010.

^x JORNAL DA FEIRA, 17 de abr. de 1966, p. 06.

^{xi} JORNAL SITUAÇÃO, 17 de out. de 1966, p. 05.

^{xii} JORNAL SITUAÇÃO, 21 de set. de 1966, p. 07.

^{xiii} JORNAL SITUAÇÃO, 24 de ag. de 1956, p. 04.

^{xiv} Entrevista cedida no dia 25 de fevereiro de 2010.